



ENTREVISTA

WILSON DA COSTA BUENO – O JORNALISMO CIENTÍFICO ONTEM E HOJE

Carla de Oliveira Tôzo¹

RESUMO: Wilson da Costa Bueno é jornalista, professor sênior da Universidade de São Paulo e autor da pesquisa *Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente*, considerada a primeira tese de doutorado do Brasil sobre jornalismo científico. Em entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2021, ele falou sobre o conceito, acertos e erros do jornalismo científico praticado nos dias de hoje, principalmente no ambiente digital.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornalismo Científico. Ciência. Jornalismo. Universidade.*

ABSTRACT: Wilson da Costa Bueno is a journalist, senior professor at the University of São Paulo and author of there search *Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente*, considered the first doctoral thesis in Brazil on scientific journalism. In an interview carried out on November 09, 2021, He spoke about the concept, rights and wrongs of scientific journalism practiced today, especially in the digital environment

KEYWORDS: *Scientific Journalism. Science. Journalism. University.*

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: carla.tozo@usp.br

Revista ALTERJOR

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 13 - Volume 02 - Edição 26 - Julho-Dezembro de 2022

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

Jornalismo científico é jornalismo e, ao mesmo tempo, é uma parte da divulgação científica. O jornalismo, enquanto atividade necessita seguir toda uma construção, fundamentação teórica, regras de conduta e escrita.

Basicamente, jornalismo científico, cuja tradução vem da expressão em inglês *scientific journalism* ou do espanhol *periodismo científico*, tem sido definido no Brasil como veiculação de informações científicas e tecnológicas pelos meios de comunicação de massa. Jornalismo científico é a arte de dar sentido à Ciência, é reelaborar a informação para o outro.

O jornalista e professor sênior da Universidade de São Paulo Wilson da Costa Bueno² autor da pesquisa *Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente*, orientada pelo professor José Marques de Melo (1943-2018) e defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 1985 é um dos grandes nomes do país nas pesquisas acadêmicas sobre o tema.

Sua tese foi dedicada ao professor José Reis, decano da divulgação científica no Brasil, que respondeu ao trabalho com um artigo na *Folha de S.Paulo*, e ainda teve uma publicação na íntegra do primeiro capítulo da pesquisa na *Revista Ciência e Cultura* da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em setembro de 1985.

O estudo tinha uma perspectiva crítica porque, naquele momento, a imprensa dependia de informações exclusivamente oriundas do exterior e nem sempre alinhadas com a realidade brasileira.

De lá para cá algumas coisas mudaram, outras nem tanto e muitos outros pesquisadores e pesquisas sobre o tema surgiram. Quem atua com jornalismo científico, seja na academia ou nas redações compreende melhor que as relações entre Ciência, tecnologia e sociedade são complexas, permeadas por interesses, por isso, o jornalismo científico necessita estar comprometido com uma postura crítica desse processo de produção e divulgação.

A seguir, o professor Wilson da Costa Bueno, fala sobre a prática do jornalismo científico nos dias de hoje e sobre a importância de manter uma postura crítica e atenta na cobertura jornalística científica para evitar a propagação de informações desencontradas.

² Entrevista realizada via Google Meet, no dia 9 de novembro de 2021, sobre jornalismo e divulgação científica. Wilson da Costa Bueno é jornalista e professor sênior da Universidade de São Paulo, autor da primeira tese de doutorado em divulgação científica do Brasil e proprietário da Comtexto Comunicação e Pesquisa.

Carla de Oliveira Tôzo: Qual a definição de jornalismo científico?

Wilson da Costa Bueno: É a veiculação de informações de Ciência, Tecnologia e Inovação obedecidos os critérios de sistema de produção jornalística porque a gente tem a divulgação científica que não é jornalismo. A divulgação científica é muito mais ampla, ela envolve teatro e até roteiro de música de carnaval, você tem história em quadrinhos, tem um monte de coisas que trabalham a divulgação científica e que não são jornalismo. A diferença básica entre jornalismo e divulgação é a prática. Uma obedece ao sistema de produção jornalística em que você tem os leads, a sua forma de produção, a pirâmide invertida, aquelas coisas todas que se mantêm no jornalismo tradicional e não se mantêm nas mídias sociais. A outra, a divulgação científica, não tem esse compromisso.

Carla de Oliveira Tôzo: O conceito ou sua prática mudaram com as novas tecnologias?

Wilson da Costa Bueno: Na verdade não sei se eu teria uma nova definição, mas acontece que a abrangência desse conceito, suas aplicações, a prática disso aumentou muito, por exemplo, com as mídias sociais. Você tem hoje vários recursos como o uso de blogs, as mídias sociais, canais de vídeo no YouTube, tudo isso voltado mais para a divulgação Científica muitas vezes. Há também o aumento da produção das Universidades, os podcasts, algumas agências específicas como a Bori e até um certo aumento da produção jornalística nos meios tradicionais.

153

Carla de Oliveira Tôzo: Quais são os prós e contras do jornalismo científico produzido em ambiente virtual?

Wilson da Costa Bueno: O acesso é maior e você pode consultar periódicos virtuais, e-books, e outras publicações, então melhorou muito o acesso à informação, mas também tem esse risco porque fica mais difícil precisar a qualidade dessas informações. Quando você procura diretamente os especialistas, as informações são de primeira mão, evidentemente sabe com quem está falando, mas quando você bebe essas informações dentro de ambientes virtuais, necessariamente isso não está muito claro. E tem também as *fakenews*, a desinformação, fontes que aparentemente parecem ser especializadas, mas não são. O virtual acaba criando esse tipo de aparência de especialização, de credibilidade. Na pandemia, por exemplo, vimos grupos de médicos assinando manifesto

a favor da cloroquina e confundindo a população sobre a doença. Isso é o perigo do virtual porque parece que amplia, mas também joga no mesmo balaio informações qualificadas e com evidências científicas com pessoas e materiais mal-intencionado fazendo circular informações que levam à desinformação.

Carla de Oliveira Tôzo: Quais devem ser os parâmetros do jornalismo científico?

Wilson da Costa Bueno: Hoje tem muita coisa e quem não tem o mínimo de conhecimento compra “gato por lebre”. É por isso que o jornalista precisa ter critério, saber cruzar informações. Mas vejo também que o problema todo é que nós temos uma distorção do que chamamos de contraditório. O que acontece é que às vezes o contraditório no jornalismo brasileiro é contrapor visões científicas com um terraplanista qualquer, com um criacionista qualquer. Na verdade, eles nem deveriam estar participando do debate porque não estão calçados na ciência. Mas tem muita gente do jornalismo tradicional que acha que precisa dar espaço para discutir com essas pessoas. Isso não é verdade porque você está discutindo ciência com não ciência e criando uma confusão nas pessoas.

Sou contra essa obrigação de ter que ouvir os dois lados, não é bem assim... depende muito de quem são essas vozes no jornalismo científico. Se você vai discutir ciência, tem que discutir com evidência científica. Outro problema é fazer uma cobertura mais focada nas ciências duras, exatas, biológicas e físicas, deixando de lado as ciências humanas. Temos que ter um compromisso com temas atuais e relevantes, mas cujo discurso seja compreensível para o público.

154

Carla de Oliveira Tôzo: E no que se refere à linguagem, à construção do texto?

Wilson da Costa Bueno: Na verdade, o jornalismo tradicional tem incorporado novas narrativas, novas propostas que necessariamente não servem àquele sistema tradicional, o básico. Embora estas informações devam estar presentes dentro de uma matéria porque se você não explica o que, o como, quando, você deixa -sobretudo nas matérias de ciências - de explicar as coisas importantes, né?! Mas temos incorporado narrativas melhores do ponto de vista de envolvimento, de engajamento que não seja aquela coisa meio burocrática, meio administrativa, mecanicista que aparecia já no lead. Ao mesmo tempo não é fácil fazer isso porque o sujeito precisa ter uma boa capacidade de escrever, de contar histórias, de incorporar os argumentos. A estrutura tradicional facilitava muito para a gente porque tinha o lead e depois ia desdobrando cada uma das coisas. Era muito direto, mas pouco saboroso.

Carla de Oliveira Tôzo: Esse seria um dos maiores problemas do jornalismo científico?

Wilson da Costa Bueno: No jornalismo científico temos produtos mais e menos sofisticados, uma multiplicidade de coisas, mas o fato é que não conseguimos falar, chegar e alcançar pessoas não letradas. Precisamos adaptar a esse nível de conhecimento da audiência porque as pessoas não leem jornal e revista, preferem ver tudo pela internet, ficar ligada nos resumos, comentários do que tem nas redes. É muito difícil um cidadão comum acompanhar o debate porque o nível de informação está acima desse sujeito. Ele precisa de informações básicas e isso começa lá na escola. O nível de conhecimento científico, a alfabetização científica no ensino médio é precária, há lugares em que não há professores de ciências. Se a gente chegasse e conversasse melhor, a gente teria menos problemas em relação ao meio ambiente, consumo inconsciente, de acreditar na desinformação sobre saúde. Sem contar que muitos veículos têm um compromisso com os temas sensacionais e trabalham até com o que não é científico em busca da audiência acima de tudo.

Carla de Oliveira Tôzo: E qual o papel da Universidade na produção de jornalismo científico ou mesmo na divulgação científica?

155

Wilson da Costa Bueno: Eu acho que a universidade tem feito um bom trabalho e, é claro que a gente pode encontrar alguns erros, uma coisa ou outra, mas há um compromisso, há um controle maior, elas têm fontes específicas, usam as fontes da própria Universidade, portanto, não vão buscar um maluco lá fora para falar qualquer coisa. É mais difícil encontrar em um veículo institucional de uma universidade informação completamente contrária às evidências científicas, há um controle maior até porque elas atuam na defesa da ciência, da educação e da saúde. Como exemplo posso citar as grandes públicas como Universidade de São Paulo, Universidade Federal de São Paulo, Universidade Federal do ABC, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal da Bahia, etc.

Mas eu diria que tirando essas universidades principais, o espaço dedicado à divulgação da pesquisa é menor do que o da extensão, do ensino. Você tem espaço razoável nessas universidades principais, as que produzem o conhecimento no Brasil, com maior número de pesquisadores produzindo material, mas na maioria das universidades o espaço ainda

é pequeno e há pesquisadores que não estão comprometidos com isso (divulgação), tem universidades que não tem essa cultura.

Carla de Oliveira Tôzo: Quem (pessoa) ou qual (organização, instituição) se destaca nos dias de hoje no exercício do jornalismo científico no Brasil?

Wilson da Costa Bueno: Eu acho a revista pesquisa Fapesp um veículo importante. O material produzido pelas universidades paulistas como Universidade Estadual Paulista, Universidade Estadual de Campinas, Universidade de São Paulo tem um material de jornalismo científico importante, tem um compromisso com a qualidade da informação, tem atualidade, mas não procura temas espetaculosos. Eu diria que nós temos algumas revistas como *ComCiência* que tem feito grandes dossiês importantes. As revistas Galileu e Superinteressante têm a sua contribuição, mas eu diria que a gente precisa tomar um pouco de cuidado porque às vezes eles acabam perdendo um pouco a mão. Na grande mídia, há coberturas em algumas editorias importantes e que vale a pena acompanhar. Tem vários bons colegas fazendo um bom trabalho não só na grande mídia, mas em blogs, veículos alternativos, grupos, como a agência Bori.

Carla de Oliveira Tôzo: Especificamente sobre a USP, você acompanha o jornalismo produzido pelo Jornal da USP?

156

Wilson da Costa Bueno: Acompanho regularmente e acompanho o trabalho da Luiza Caires, inclusive, já fizemos alguns trabalhos, participamos de congressos juntos. Eu acho um bom veículo, acredito que tem dosado bem essa relação entre o que é atual, de interesse com qualidade da informação. Percebo que não é refinado a ponto de ser incompreensível, muito pelo contrário, mas sempre acho que é muito difícil imaginar que alguém não letrado, que não tem contato com leitura vai de fato gostar, compreender.

Acho que o Jornal da USP é lido basicamente por estudantes mais qualificados, pelos professores. De qualquer forma, se toda universidade tivesse um Jornal da USP estaríamos feitos.

Carla de Oliveira Tôzo: O que os profissionais que atuam na área, sejam jornalistas ou não, precisam ter?

Wilson da Costa Bueno: Essas duas coisas têm que andar juntas: o conhecimento e a capacidade de comunicação. Por exemplo, a Natália [Pasternak], o Átila [Iamarino], a Margareth [Dalcolmo], o Marcelo Gleiser, o Drauzio [Varella] são especialistas em uma área, mas tem uma grande capacidade de comunicação. Necessariamente não é qualquer especialista que tem essa capacidade de comunicação. Então, em geral, a boa capacidade de comunicação você encontra no jornalista porque um veículo não contrata um profissional para cobrir só uma área, ele precisa entender de tudo. Essa facilidade de eloquência, de tornar compreensível o assunto é característica do jornalismo, do jornalista. Mas esse jornalista que se especializa também precisa tomar cuidado para não se tornar pedante, elitista, achar que tem que falar difícil e passar a se comunicar só com cientistas e não para o público geral. O jornalismo não é erudição.

Referências

BUENO, Wilson da Costa Bueno. **Jornalismo Científico: ontem e hoje**. Entrevista realizada via plataforma Google Meet à Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo: 09 de novembro de 2021.

BUENO, W.C. *Jornalismo científico: conceito e funções*. **Ciência e Cultura**. São Bernardo do Campo, v. 37, n. 9, p. 1420-1427, set. 1985.

HOME. **Contexto Comunicação e Pesquisa**. Disponível em: <https://www.comtexto.com.br/>. Acesso em: 14 de junho de 2022.

157

O QUE É. **Agência Bori**. Disponível em: <https://abori.com.br/o-que-e-a-bori/>. Acesso em: 11 de junho de 2022.

QUEM SOMOS. **ComCiência**. Disponível em: <https://www.comciencia.br/quem-somos/>. Acesso em: 16 de junho de 2022.